

Uma análise discursiva das paráfrases nos TCCs de acadêmicos do curso de Letras na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional.

Karina Santos da Silva¹ (UEA)

Vanúbia A. L. Moncayo² (UEA)

RESUMO:

Utilizar de artifícios para compor o entendimento de um conteúdo ou de apenas uma passagem dele é considerado comum no meio acadêmico. As paráfrases são os instrumentos principais dessa atividade, traduzindo os pensamentos e ideias de estudiosos para uma dada produção textual. O objetivo deste trabalho é analisar os processos aplicados nas paráfrases, a fim de verificar a carga semântica carregada por esses processos, nas paráfrases, se ela é semelhante aos dos textos de origem. Para tanto, os pressupostos da Linguística Sistêmico Funcional, sobretudo, a parte que engloba a transitividade, servirá de ferramenta metodológica para a análise das paráfrases.

Palavras-Chave: LSF, Paráfrases, TCCs

¹ Graduada em Licenciatura em Letras-Língua e Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas, membro do GP SDisCon.

² Professora Doutora em Linguística Aplicada e Língua Inglesa do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas.

Uma análise discursiva das paráfrases nos TCCs de acadêmicos do curso de Letras na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional.

1.Introdução

É comum quando se faz uma pesquisa incluir pressupostos estudados por teóricos para se complementar a ideia em processo de criação. Os trechos retirados na maioria das vezes vêm acompanhados de suas identificações, caracterizando paráfrases, sendo elas ideológicas ou estruturais (MEDEIROS,2006).

Segundo Fuchs (1985), a paráfrase teve seu aparecimento linguístico na década de 1960, em função do tríplice desenvolvimento da pesquisa: matéria de tratamento automático de textos, estudos sistemáticos das relações entre frases e alargamento das preocupações semânticas.

A autora ainda considera que a paráfrase é uma noção difícil dentro da linguística, pois ela possui características opostas, no sentido de “consciência linguística dos locutores” da atividade linguística do sujeito do enunciado e de manter relação entre o texto-fonte e suas reformulações.

A forma como as paráfrases são feitas varia de pessoa para pessoa, pois podem ser aplicadas em forma de reprodução (reescrita do período original com palavras semanticamente sinônimas), comentário explicativo (explanação das ideias do indivíduo que o escreve), o desenvolvimento (paráfrase de ampliação de ideias seguida por exemplificações), o resumo e a paródia (MEDEIROS, 2006).

A paráfrase de reprodução, segundo o autor, por exemplo, é a reprodução de um texto, consistindo em fazer a troca de palavras do texto original por palavras simples, escolhidas pela pessoa que irá repassar a ideia do texto original.

As paráfrases são instrumentos de reformulação de textos originais de um determinado assunto e são colocadas em parágrafos para mostrar complemento de ideia e também para se evitar casos de apropriação de ideias já abordadas anteriormente, denominados de plágio, que pode vir a causar a anulação de trabalhos caso sejam detectados.

Diante do exposto, este trabalho propõe-se analisar os processos contidos nas paráfrases de 3 (três) TCCs, escolhidos de forma aleatória, a fim de verificar a carga semântica carregada pelos processos nas paráfrases, se são semelhantes aos dos textos de origem. Os TCCs selecionados pertencem ao curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e suas

Literaturas da Universidade do Estado do Amazonas, sendo todos da área de linguística e dentro do período de 2010-2012. Ademais, também foram pesquisadas as fontes de origem das paráfrases selecionadas, para que se fizesse a relação de carga semântica de ambas as situações.

Após as escolhas das paráfrases para serem analisadas, foi feita a busca dos textos originários de cada uma, para que pudessem passar pelo processo de análise de seus componentes e por fim, serem confrontadas com os textos de origem,

A base teórico-metodológica que regeu a elaboração desta pesquisa foi a da linguística sistêmico-funcional, fundamentada por Halliday (1984, 1994), especificamente no que concerne o estudo dos processos dentro do sistema de transitividade, que se aloca na metafunção ideacional, cujo objetivo é estudar os meios de transmissão de sentido do discurso apresentado por um emissor para um receptor.

Os processos estudados trazem consigo as características expressas nos verbos quanto à sua aplicação em um contexto, para que os participantes se relacionem com as metas, tendo como resultado a clareza da mensagem ao ser transmitida para o interlocutor.

2. Fundamentação teórica

2.1 Compreendendo a Paráfrase

A definição de paráfrase varia de autor para autor, mas a mensagem é a mesma para todos que a define. Para Sant'Anna (2007), por exemplo, paráfrase é a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita. Para Medeiros (2006), paráfrase é traduzir as palavras de um texto por outras com sentido equivalente, mantendo, porém, as ideias originais. Para Fuchs (1985), define a paráfrase de modo mais claro, apresentando que ela é uma atividade efetiva de reformulação pelo qual o locutor restaura o conteúdo de um texto base sob a forma de um texto secundário.

A ideia de estudo das paráfrases repousa nos estudos semânticos que descrevem a sinonimização, pois a partir desses estudos, pode-se compreender, em primeira visão, como pode ser aplicada a paráfrase num texto.

Fuchs (1985) analisa o uso das paráfrases no aspecto metodológico dentro do que ela chama de paráfrase linguística e constata alguns aspectos positivos sobre como abordar o uso sinonímia sintática, sendo que a autora considera seu uso em modo parcial.

A autora também relata em seus estudos, quatro categorias nas quais a paráfrase começa a se desmembrar: locutivo, pragmático, referencial e simbólico, onde suas aplicações chegam a ser semelhantes, dentro do contexto de aplicação e estudo da paráfrase e sua formação. De um modo geral, cada uma dessas categorias trazem consigo o encaixe de equivalência sintático-semântico quando a paráfrase é colocada em uso, por métodos básicos aprendidos no ato de aprendizado da gramática normativa.

A forma como a paráfrase é aplicada varia de acordo com seu tipo para que não possa ter um comprometimento ao texto na qual é aplicada, caso uma das formas seja colocada de forma inadequada.

2.2. Tipos de Paráfrase

Como uma categoria de estudo da textualidade, Medeiros (2006) aborda que a paráfrase também apresenta suas subdivisões para se adequar ao texto que vá ser aplicado, sendo classificadas em:

2.2.1 Reprodução

Segundo Medeiros (2006), a reprodução implica em reescrever um texto, consistindo em trocar as palavras do texto original por palavras mais simples, mas de cunho próprio de quem escreve, para manter o sentido do texto referencial. Pode ser usado no mesmo contexto e situação. Contudo, para que não possa acarretar em uma cópia da abordagem do texto base, sugere-se que esse tipo de paráfrase seja pouco utilizado, sobretudo em trabalhos acadêmicos, pois ao passar por avaliação mais precisa, possa sinalizar um caso de cópia ilegal, denominada plágio.

2.2.2 Paródia

A paródia, segundo Moisés (1985) apud Medeiros (2006), é toda composição literária que imita o tema ou forma de uma obra séria, explorando os aspectos cômicos e satíricos. Para Medeiros (2006) apud Hutcheon (1989,p.48), a paródia é uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica.

2.2.3 Comentário explicativo

O comentário explicativo, conforme Medeiros (2006), desenvolve conceitos, argumenta o que está subentendido em um texto referencial, ou seja, é uma reescrita do texto original que visa esclarecer os sentidos e unifica as ideias tanto do texto original quanto de quem o parafraseia.

2.2.4 Resumo

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) define resumo como uma apresentação concisa dos elementos principais de um texto. Medeiros (2006) faz uma nova conceituação para este tipo de paráfrase: “Resumo é uma apresentação sintética e seletiva das ideias de um texto, ressaltando a progressão e a articulação delas.” (p.137).

2.2.5 Paráfrase de ampliação

A paráfrase de amplificação é semelhante ao comentário explicativo, pois também aborda no corpo do texto transcrito mais explicações que poderiam ter sido abordadas pelo autor e que passa a ser exposto pelo indivíduo no qual se utiliza deste tipo de paráfrase para complementar seu discurso escrito.

3. Breve histórico da Linguística Sistêmico Funcional

A Linguística Sistêmico Funcional (LSF) é uma nova área da linguística que analisa a funcionalidade linguística da linguagem do indivíduo, levando em conta o contexto nela aplicado. Esse novo ramo da linguística foi teorizado por Michael Halliday (1925-) na década de 1950, nos Estados Unidos.

A língua é considerada sistêmica, como vários teóricos que a estudam fazem essa consideração, pois possui uma visão de que a gramática é um sistema de escolhas que podem ou não ser arbitrárias, e também é considerada funcional por possuir um meio para explicar as implicações das regras dentro do sistema, explicações estas formuladas por estudos de teóricos funcionalistas da época.

A LSF teve seu reconhecimento a partir das pesquisas profundas feitas por Halliday nos anos de 1980, quando o teórico distinguiu duas vertentes: a vertente formalista e a vertente funcionalista, onde a primeira preza pela estrutura autônoma da língua em relação ao modo independente de uso e a segunda preza a língua não mais como um elemento autônomo como os formalistas viam, mas que ela “possui estrutura mais fácil de se manipular, acompanhada de outras formas de comunicação dentro das estruturas gramaticais”.(SHLEE *et al.*,2012)

A partir das análises dessas vertentes, Halliday aborda que “uma gramática funcional é essencialmente uma gramática ‘natural’, no sentido de que tudo nela pode ser explicado, em última instância, com referência a como a língua é usada” (Schlee *et al.*,2012, p. 2027). Abordagem esta que foi resultado da distinção das vertentes formalista e funcionalista. Desse modo, a implicatura do estudo da gramática proposta por Halliday passa a ser parte indissociável do esquema estrutural do discurso em si.

Germano (1997) se utiliza de uma explanação de Halliday quanto à formação estrutural da oração por meio das metafunções *ideacional, interpessoal e textual*: “Halliday (1985:53) estabelece o “princípio de que uma oração é o produto de três processos simultâneos. É ao mesmo tempo a representação de uma experiência, uma troca interativa e uma mensagem”. Ainda segundo a autora, a transitividade implica na ideia de extensão a uma outra entidade ou meta, como é o caso dos verbos transitivos, cujas ações ou efeitos são levados a outros participantes, enquanto que verbos intransitivos, sem meta, não apresentam extensão nenhuma.

As metafunções para Halliday são as estruturas essenciais para a composição do discurso, pois a partir delas, seus sentidos quanto à transmissão de informação será claro e coeso. A metafunção ideacional, dentro dos estudos do linguista, é o modo como se é

representado os acontecimentos do dia a dia, por meio dos componentes: *processos, circunstâncias e participantes*.

A metafunção interpessoal já preza a relação de interação dos participantes do discurso, isto é, o emissor da informação e seu receptor, além de refletir pontos essenciais na análise dessa discussão, que seria as ações dos atuantes do discurso e a natureza do assunto da discussão, dando origem aos componentes *oferta, comando, pergunta e declaração*.

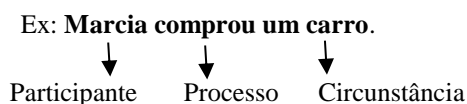
A última metafunção, que é a textual, tem como alvo principal de análise a oração em si, com os componentes *Tema e Rema*, onde o tema é a parte inicial da oração e o rema é seu complemento, trazendo a lembrança da estrutura das orações subordinadas (oração principal + oração subordinada).

3.1 O Sistema de Transitividade

A transitividade na teoria da LSF (Linguística Sistêmico-Funcional), desenvolvida por Michael Halliday (1925), tem como foco os estudos dos processos nos quais os termos das sentenças possuem classificação de acordo com o processo neles aplicado. O ST (sistema de transitividade) mostra o campo, o meio e o modo como o discurso fora montado e como cada estrutura que está em sua composição desempenha sua função, desde determinar o praticante da ação, a ação propriamente dita e o resultado dela, sempre prezando pela descrição do fato que está acontecendo ou que aconteceu. Esses elementos que fazem sua composição, campo (field), modo (mode) e meio (tenor), refletem em cada estrutura da oração aplicada em um determinado discurso, dando assim a estrutura base para que se tenha relacionado todos os componentes da oração com seus determinados processos.

O campo (field) representa o domínio do conteúdo que está sendo abordado no discurso, independente do tema principal no qual o originou. O modo (mode) já diz respeito ao método em que o conteúdo do discurso fora produzido, analisando assim a sua temática de origem. O meio (tenor) analisa quem é o percussor do discurso, sendo mais fácil de ser identificado pelo meio da fala do interlocutor pois deixa evidente a relação que o emissor tem com o receptor da mensagem, tornando-a clara, porém, possuindo assim certa dificuldade quando passado para a linguagem escrita, onde o emissor e o receptor não estão presentes no texto. Essas estruturas que compõem o ST, juntamente com os processos transitivos fazem parte das metafunções que Halliday estruturou em seus estudos: Ideacional, Textual e Interpessoal.

De acordo com Halliday & Matthiessen (2004), o sistema de transitividade interpreta o mundo de experiência em um conjunto manejável de tipos de processos. Nesse caso, cada processo tem seu respectivo esquema para ser definido e seguido de acordo com o significado que esteja em um determinado contexto, prezando cada um de seus componentes descritivos para análise do período.



Segundo Cabral (2015), os processos, na perspectiva sistêmico-funcional, são usados com dois significados principais: a) para se referirem ao que está acontecendo no todo da oração; b) para se referir à parte da proposição encapsulada no sintagma verbal. Podem ser categorizados em três grandes grupos: material, mental e relacional. Além desses, três outros intermediários também são utilizados: verbal, comportamental e existencial.

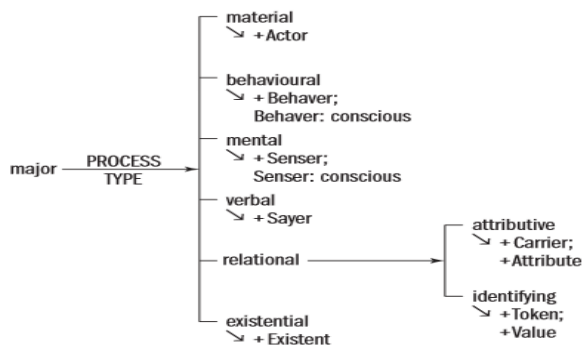


Figura 1: Esquema dos processos transitivos

Fonte: Halliday & Matthiessen, 2004

3.1.1 Processos Materiais

São os processos que, segundo Halliday (2004), caracterizam as ações físicas no momento em que elas acontecem, transitiva ou intransitivamente, como os verbos: subir, tomar, dar, etc.

Seu esquema estrutural é composto por um Ator (sujeito) + Processo (verbo) + Meta (complemento), estrutura esta seguida normalmente pela gramática normativa.

Ex: Márcia comprou um carro.
↓
Processo material

3.1.2 Processos Mentais

São os processos que fazem uma relação do “fazer” com o “acontecer, relacionados à experiência vivida de um indivíduo. Diferente do processo material, o processo mental visa a sensação das emoções e percepções do indivíduo expressado em texto escrito ou falado, como: gostar, sentir, lembrar, etc. Seu esquema estrutural é: Experienciador (sujeito) + Processo (verbo) + Fenômeno (complemento).

Ex: Paula sente falta da vida universitária.
↓
Processo mental

3.1.3 Processos Relacionais

São os processos que visam a relação entre o exterior e interior dos processos materiais e mentais transparecem em suas aplicações, prezando por uma relação de “ser” caracterizador ou “ser” identificador, como: ser, ter, etc. Sua estrutura é: Portador/Identificador (sujeito) + Processo (verbo) + Atributo/Identificado (complemento).

Ex: Jéssica é professora de português.
↓
Processo relacional

3.1.4 Processos Verbais

São os processos que visam o dizer da voz verbal, proporcionando o recurso da narração e inicialização de um discurso a ser elaborado, como: contar, descrever, acusar, etc. Sua estrutura é: Receptor (sujeito) + Processo (verbo) + Verbiagem (complemento).

Ex: Eu disse que terminaria a fanfic.
↓
Processo verbal

3.1.5 Processos Comportamentais

São os processos que mostram o comportamento do indivíduo quanto à ação praticada por ele, sendo ela matéria ou mental, pois não há uma caracterização própria segundo as

explicações de Halliday (2004), como: ouvir, murmurar,. Sua estrutura é: Comportante (sujeito)+ Processo (verbo) + *Behavior* (complemento).

Ex: Helena está sofrendo.
 ↓
 Processo comportamental

3.1.6 Processos Existenciais

São os processos que fazem a representação do que aconteceu ou do que vai acontecer dentro do discurso de um indivíduo, prezando o desenvolvimento do discurso como um todo, como: haver (existir). Sua estrutura é: Existente (sujeito) + Processo (verbo) + Circunstância (complemento).

Ex: Houve um manifesto na rua.
 ↓
 Processo existencial

De forma didática, Halliday e Matthiessen (2004, p. 172) propõem o esquema abaixo com resumo dos seis processos acima descritos:



Figura 2: Sistema de transitividade segundo a LSF

Fonte: Halliday & Matthiessen.2004

PROCESSO	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES OBRIGATORIOS	PARTICIPANTES OPCIONAIS
Material	Fazer, Acontecer	Ator	Meta, Escopo, Recebedor, Cliente
Mental	Sentir perceber pensar sentimento desejo	Experienciador e Fenômeno	-----
Relacional	Ser Classificar Definir	Portador e Atributo Característica e Valor	-----
Verbal	Dizer	Dizente	Receptor, Alvo, Verbiagem
Comportamental	Comportar-se	Comportante	Fenômeno, Behaviour
Existencial	Existir	Existente	-----

Quadro I : Quadro – resumo do sistema de transitividade Fonte: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/>

4. Análise do Corpus

Conforme as abordagens teóricas feitas ao longo deste artigo, foi posto em prática as análises dos materiais coletados, no caso as paráfrases retiradas de três TCCs do curso de Letras, especificamente da área de linguística. A partir de então, as análises se constituíram da identificação dos processos de cada paráfrase e de seu texto originário, promovendo assim um confronto de dados e contextualização, para verificar se os sentidos dos processos identificados, tanto nos textos quanto nas paráfrases convergem.

Texto 1 (T1): “Um falante do português dificilmente consideraria que (3) é gramaticalmente melhor que (1) e (2); ou que (1) é gramaticalmente mal construído por apresentar a forma perifrástica expressando o tempo futuro, no lugar antes reservado ao futuro do presente (3) e/ou ao presente do indicativo (2). Portanto, nenhuma das formas é estigmatizada.”

Paráfrase 1(P1): Gibbon (2000, p.13) afirma que um falante do português dificilmente consideraria que (3) é gramaticalmente melhor que (1) e (2); ou que (1) é gramaticalmente mal construído por apresentar a forma perifrástica expressando o tempo futuro, no lugar antes reservado ao futuro do presente (3) e/ou ao presente do indicativo (2). Portanto, nenhuma das formas é estigmatizada.

Em **T1**, os processos identificados nesse texto são: mental (*consideraria*), relacional (*é*), material (*apresentar*) e verbal (*expressando*) (Quadro II). Segundo Halliday e Matthiessen (2004), os processos mentais expressam as características da nossa consciência – emoções, pensamentos, etc., como se é visto na aplicação do processo *consideraria* no texto, fazendo com que transparecesse a ideia de construção de um pensamento que está sendo abordado no texto; enquanto os materiais representam as ações físicas dos atos quando acontecem a ação, como faz o processo *apresentar*, mostrando o que acontece no texto.

Os relacionais, como afirmam os autores, mantêm a relação interna e externa dos sentidos do discurso, conforme combinação dos sentidos dos processos materiais e mentais, de modo que o processo *é* desempenha a função de fazer a ligação das ações dos processos mentais e materiais no texto, fazendo assim o equilíbrio da informação. Já os processos verbais, os teóricos ressaltam sua referência às ações do discurso.

Em **P1**, o mesmo fragmento aparece em um dos TCCs analisados, sendo identificado como uma citação, porém sua referência não foi colocada no trabalho. As mesmas marcas dos processos apresentados em **T1**, aparecem em **P1**, com o acréscimo do processo verbal *afirma*,

fazendo com que as mesmas caracterizações que estão em **T1** apareçam sem modificações em **P1**.

Portanto, em análise geral, pode-se observar que em **T1** e **P1** os sentidos dos processos não só convergem, eles são os mesmos, o que é recomendável na paráfrase de produção. Sobre este tipo de paráfrase, Medeiros (2006) sugere a troca de palavras do período original por palavras semanticamente sinônimas.

Uma última observação sobre **T1** e **P1** é que, caso tivéssemos utilizado todo o sistema da transitividade como ferramenta metodológica deste trabalho, demonstraríamos, de forma analítica, um caso clássico de apropriação indevida da informação do texto original, uma vez que, além de ter mantido toda a estrutura do período oracional, os processos são os mesmos, como já constatado.

Texto 1(Processos) Paráfrase 1(Processos) Classificação dos Processos (Texto 1 e Paráfrase 1)

-----	Afirma	Verbal
Consideraria	Consideraria	Mental
Expressando	Expressando	Verbal
É	É	Relacional
Apresentar	Apresentar	Material

Quadro II: Quadro demonstrativo dos processos identificados no texto I e a paráfrase correspondente. Fonte: Elaborado pela própria pesquisadora em 12 de dezembro do 2015.

Texto 2(T2): “Go- future indica uma progressão, um processo, ele pode ser analisado, e tem sido como o desencadeamento de diversos processos metafóricos que envolvem, também aspectos pragmáticos. A progressão desses componentes pragmáticos para uma função não-pragmática passa dessa noção pragmática um aspecto (prospection) e finalmente para um tempo. ”

Paráfrase 2(P2): “ Nesse sentido, o go-future é resultado de um processo abrangente que envolve outros mecanismos como a analogia e a metáfora. A progressão desses componentes

pragmáticos para uma função não pragmática **aponta** em direção a uma progressão para o aspecto (prospection) e, finalmente, para o tempo. ”

Nessa segunda análise, em **T2**, aborda a definição do que seria o *Go Future*, marcando suas características com a utilização de processos relacional (indica, envolvem) e material (passa). Conforme já citados no primeiro caso, Halliday e Matthiessen (2004) nos mostram as características do processo relacional, que visa a relação interna e externa dos sentidos combinados dos processos mentais e materiais, fazendo a ligação dos termos a partir dos processos *indica e envolvem*, da mesma forma que se apresenta também o processo material, ressaltando sua caracterização quanto as ações físicas no instante que acontecem, como se pode ver na aplicação do processo *passa*.

Em **P2**, a reformulação da definição de *Go Future* passa por sinonimização e modificações na estrutura dos períodos, tendo os verbos alocados no processo material (aponta), desempenhando sua função de indicar a ação física do discurso e no processo relacional (é, envolvem), fazendo a interação interna e externa dos sentidos do discurso, conforme abordado na fundamentação deste artigo.

Contudo, em **P2**, há o aparecimento de processos usados em **T2**, porém não aparece a apropriação indevida de palavras do texto original, devido o caso de sinonimização das palavras contidas em **T2**, conforme ressaltado por Medeiros (2006), e com isso, ambos possuem seus processos com a mesma classificação, termos semanticamente semelhantes e comprovando a estruturação da paráfrase.

Texto 2 (Processos)	Paráfrase 2 (Processos)	Classificação dos Processos (Texto 2 e Paráfrase 2)
----------------------------	--------------------------------	--

Indica	É	Relacional
Envolvem	Envolvem	Relacional
Passa	Aponta	Material

Quadro III: Quadro demonstrativo dos processos identificados no texto II e a paráfrase correspondente. Fonte: Elaborado pela própria pesquisadora em 12 de dezembro do 2015.

Texto 3(T3): “ Em linhas gerais, a gramaticalização é um processo de mudança semântica em que um item de uma categoria lexical se transfere para uma categoria gramatical, ou quando um item já gramatical se torna ainda mais gramatical”

Paráfrase 3 (P3): “Em linhas gerais, trata-se de um processo de mudança semântica através do qual um item de uma categoria lexical repassa para uma categoria gramatical, ou um item já gramatical torna ainda mais gramatical.”

Em **T3**, tendo o mesmo estilo do caso anterior, se trata de uma conclusão a respeito da gramaticalização, onde ocorre transações de uma classe gramatical para outra. Os verbos que compõem **T3** são do processo reacional (é,torna), trazendo novamente a ação de interação dos sentidos internos e externos do discurso, ligando os termos do discurso, conforme abordado por Halliday e Matthiessen (2004) e material (transferem), trazendo o sentido de ação física ocorrido no instante do acontecido, segundo os pesquisadores mencionados.

Em **P3**, por se tratar de uma releitura sinonimizada conforme cita Medeiros (2006), da conclusão de gramaticalização, sendo ela mais sintetizada. Os processos *trata e torna* que aparecem na paráfrase, também fazem parte dos processos relacionais, remetendo-se à mesma descrição feita em **T3**, da mesma forma que o processo *repassa*, que faz parte do processo material, mas não caracterizando a apropriação indevida dos sentido abordado no texto original. Portanto, T3 e P3 possuem seus processos com a mesma classificação, mas com termos semanticamente semelhantes.

Texto 3 (processos)	Paráfrase 3 (Processos)	Classificação dos Processos (Texto 3 e Paráfrase 3)
----------------------------	--------------------------------	--

É	Trata	Relacional
Transferem	Repassa	Material
Torna	Torna	Relacional

Quadro IV: Quadro demonstrativo dos processos identificados no texto III e a paráfrase correspondente. Fonte: Elaborado pela própria pesquisadora em 12 de dezembro do 2015.

Em um estudo mais aprofundado em cima dos três casos abordados neste artigo, subcategorias composicionais do sistema de transitividade seriam postas em prática para tal atividade, podendo esclarecer de forma mais complexa a organização dos termos utilizados

tanto nas paráfrases quanto nos textos de origem, dando assim caráter completo nas análises preliminares abordadas aqui.

5. Considerações Finais

As palavras que utilizamos para fundamentar uma reescrita de ideias já existentes varia com a escolha das palavras semanticamente sinônimas, passando então a ideia similar do texto referencial. Porém, há momentos em que essas escolhas de sinônimos para formulação das paráfrases acabam se tornando uma réplica do mesmo texto que fora utilizado como alvo de pesquisa.

Em todos os casos analisados dentro das perspectivas da teoria fundamentada por Halliday, os que foram apresentados mostraram que: no primeiro caso houve a convergência dos processos que compunham tanto o texto original quanto a paráfrase correspondente, juntamente com as palavras utilizadas para se formular a paráfrase, que em situação de análise mais profunda, seria classificada como plágio.

Nos demais casos, houve a sinonimização das palavras para formar as paráfrases apresentadas nos TCCs que foram analisados, sem ocasionar desvio de sentido e apropriação indevida das palavras do texto original, conforme fora mostrado nas fundamentações quando se abordou sobre os tipos de paráfrases, classificadas por Medeiros (2006).

Por conta disso, de forma concludente, a utilização dos processos nas paráfrases analisadas acabaram aparecendo com o mesmo sentido semântico que os textos de suas origens possuem, porém tendo suas colocações em posições diferenciadas mas mantendo seu sentido de acordo com o discurso a ser apresentado, de forma que suas alocações nos TCCs analisados mantivessem sua linha de pensamento de forma linear, podendo assim ter a clareza e a coesão do que está sendo exposto.

REFERÊNCIAS

ATAÍDE, Cléber. Uma abordagem sistêmico-funcional da categoria gramatical de sujeito.

Acessível em:

http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_12/INTER12_17.pdf

(acessado em 20/10/2015)

CABRAL, Sara Regina Scotta. Transitividade e Auto/Representação em um Debate Político. p.9 – 35 In: Cadernos de Linguagem e Sociedade.

<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/viewFile/15561/11103> (acessado em 20/12/15).

CRUZ, Odete Ferreira da; ZANINI, Marilurdes. Paráfrase: campo de criação e trabalho nos textos dos detentos. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais. Maringá, 2009, p. 1904-1912.

DUARTE, Vânia M. N. Paródia e Paráfrase: exemplos de intertextualidade.

em:<http://www.portugues.com.br/redacao/parodiaparafraseexemplosintertextualidade.html> –

(acessado em :20/10/2015).

FUCHS, Catherine. A paráfrase linguística: Equivalência, sinonímia ou reformulação?

In: Caderno de estudos linguísticos. n.8. 1985.

GARCIA, Othon M. Comunicação em Prosa Moderna. Editorial da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1992.

GERMANO, Maria do Socorro Pires. O Sistema Da Transitividade De Halliday: Aplicação

A ‘I Spy’ De Graham Greene. Rev. de Letras v. 19 - No. 1/2- jan/dez 1997

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. An introduction to functional grammar. London: Hodder and Stoughton Educational, 2004.

MARTIN, J R; MATTHIESSEN, Christian M I M; PAINTER, Clare. Deploying Functional Grammar. The Commercial Press: Beijing, 2010.

MEDEIROS, João Bosco. Redação científica: a pratica de fichamentos, resumos, resenhas. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

RIBEIRO, Nilsa Brito. A paráfrase: uma atividade argumentativa. Dissertação (mestrado).UNICAMP. Campinas, SP.2001.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Paródia, paráfrase & Cia.8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

SHLEE, Magda Bahia , et al. A Linguística Sistêmico-Funcional No Quadro Das Grandes Teorias Linguísticas: Propostas De Aplicação. – Anais do XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012.